



## ENCARTE DO PROFESSOR

### CASO: TESOIRO DO VALE DO RIO TARRANT

Tesouros exercem um grande fascínio sobre o imaginário da população. O termo “tesouro” (*hoard* em inglês) é empregado para designar uma seleção de objetos depositados em um mesmo local, normalmente enterrados em ambientes secos, mas também em ambientes alagados ou mesmo submersos. Eles podem estar em um vasilhame ou colocados diretamente no solo, a exemplo do que nas fotos abaixo, de dois tesouros registrados no Portable Antiquities Scheme. Eles podem ser simples ou mistos, isto é, contendo objetos de diversos tipos (como na figura 1) ou somente de um tipo (como na figura 2). Os tamanhos desses conjuntos de depósitos variam significativamente; temos desde achados de tesouros com 2 objetos apenas, até achados com milhares de artefatos, como é o caso do tesouro de Le Câillon II em Jersey, com mais de 69.000 moedas célticas afóra outros artefatos, ou o de Frome, com 52.503 moedas romanas, dois dos achados mais impressionantes dos últimos dez anos.

As pesquisas sobre os tesouros antigos têm crescido largamente. As razões aventadas para sua deposição são as mais variadas possíveis – desde estoque de metal e proteção e reserva de recursos em caso de ameaça até oferendas rituais. São compostos em sua grande maioria de artefatos em metal, havendo, porém, casos de depósitos de cerâmica, pedras, tabletes de resina, pedaços de chifre, ossos de animais, cabelos e, às vezes, até ossos humanos. O estudo da sua materialidade e contexto dos locais de depósito, bem como das peças em si têm demonstrado uma variabilidade de práticas, que precisa ser analisada caso a caso.

No contexto da Idade do Ferro, a principal tendência interpretativa tem sido de depósitos votivos, não apenas pela dificuldade de recuperação dos depósitos, como tratamentos especiais das peças, inclusive com sacrifício/destruição de algumas delas. Esses depósitos são marcos (in)visíveis na paisagem para a população local, assinalando lugares de visitação e muitas vezes também de culto tanto em água quanto terra. São, então, lugares de memória e de identidade para essa população. Já para o período romano na Bretanha, há algumas mudanças nas formas de deposição. Isso tem levado a maior parte dos pesquisadores a entender tais depósitos como prática de entesouramento para guardar em segurança ou para proteção em contexto de ameaça, ou seja, teriam sido enterrados por segurança, mas depois foram esquecidos ou não recuperados. Apesar disso, pesquisadores como Moorhead, sobretudo face a novos achados como o tesouro de Frome, têm considerado a possibilidade de alguns desses depósitos serem efetivamente rituais.



# De Moedas e Reis

novas perspectivas com o uso de tecnologia 3D



Figura 1 – Tesouro de Driffield, Yorkshire (YORYM-D2333A) com 59 machados e 91 lingotes do final da Idade do Bronze.



Figura 2 – Tesouro de Piddletrenthide, Dorset (DOR-E2A223) com 2114 moedas romanas em um vaso de cerâmica, datado de 296 d.C.

Direitos autorais das imagens: The British Museum

Fotos disponíveis em: <https://www.flickr.com/photos/finds/38846594051/in/photostream/>

O caso do Tesouro do Vale do Rio Tarrant I corresponde a um tesouro simples e de um único tipo monetário dos durotriges - 20 estáteres de ouro de tipo Chute (caso se siga a classificação de Van Arsdell 1989), antigo Britânico B segundo Allen (1960), ou mais recentemente como tipo ABC 746 (Cottam 2010). Ele é datado de aproximadamente 50-40 a.C., época em que temos a maior frequência de deposições de artefatos monetários em tesouros na Bretanha do final da Idade do Ferro.

A cunhagem dos durotriges denota sobretudo sua interação com a Armórica (Bretanha Francesa) e suas relações com outras populações da Idade do Ferro na Bretanha; Van Arsdell (1989) inclusive defende ser o tipo Chute derivado de exemplares da cunhagem dos Atrebates/Regni/Belgas, que circularam em território durotrige no início do século I a.C. É nesse período que vê-se o emprego de cunhagens em ouro entre os durotriges, sendo ele gradativamente substituído por cunhagens em prata e depois em bronze a partir de cerca de 30 a.C., talvez por escassez do metal como aventam alguns pesquisadores, quando verificasse um “isolamento” dos durotriges das redes de troca da Bretanha em virtude de disputas locais.

É importante observar que as cunhagens dos durotriges são anepigráficas e não estão vinculadas a uma biografia específica de um chefe ou expressão de um poder centralizado. Ao contrário, suas imagens são características da complexidade visual do final da Idade do Ferro e chamam-nos atenção para a construção da identidade comunal local, ou seja, emblemas da identidade durotrige. O tipo Chute, geralmente descrito como Apolo com cavalo, apresenta no seu anverso cabeça laureada à direita com crescentes, perfil sólido levemente delineado e capa, e no reverso cavalo desarticulado à esquerda, com diversas pelotas campo superior, um caranguejo sob o corpo do animal, um tetráscele à sua frente,



sobre o lombo do cavalo há uma forma abstrata que pode sugerir um cavaleiro e no exergo há um padrão geométrico curvado marcando o chão sob o animal. Nessa composição visual destacam-se no anverso a coroa e no reverso o cavalo, símbolos de status e prestígio, marcas de uma elite e comuns às cunhagens da Idade do Ferro na Europa Centro-Occidental, mas também traços marcantes dos protótipos monetários adotados por essas populações.

Aqui, temos um tipo monetário que foi de pouca circulação, limitada ao território dos durotriges, confeccionado com metal importado e raro, empregando novas técnicas, o que indica o trabalho de artesãos altamente qualificados, mas não necessariamente independentes. Foram depositados como oferenda votiva, marcadora de território, tendo os artefatos dessa deposição passado por destruição ritual de suas imagens (que se encontram cortadas). Não foram artefatos empregados para trocas econômicas. Na região do Vale do Tarrant, os achados arqueológicos indicam a existência de assentamentos autônomos, mas que possuíam uma identidade compartilhada durotrige, demarcada também em sua cunhagem e na escolha dos locais de deposição. Não vemos aqui fortes lideranças, mas a construção de uma comunidade.

▪ **Bibliografia básica do mapa historicizado digital e citada acima:**

ALLEN, D. F. The Origins of Coinage in Britain: a Reappraisal. In: FRERE, S.S. (Ed.) *Problems of the Iron Age in Southern Britain*. London: Institute of Archaeology London Occasional Paper number 11, 1960, pp.97-308.

COTTAM E. *Ancient British Coins*. Aylsham, Norfolk: Chris Rudd, 2010.

GHEY, E. *Hoards: Hidden History*. London: The British Museum, 2015.

GRIFFITHS, R. YORYM-D2333A: A BRONZE AGE HOARD. 2016 Available at: <https://finds.org.uk/database/artefacts/record/id/776307>

HAYWARD TREVARTHEN, C. DOR-E2A223: A ROMAN COIN HOARD. Available at: <https://finds.org.uk/database/artefacts/record/id/808963>

MAHRER, N.; KELLY, G.; LE QUELENEC, V. Le Catillon II: conserving the world's largest Iron Age hoard. In: CALLEGHER, B. (Ed.). *Too Big to Study? Troppo grandi da studiare?* Trieste, EUT Edizioni Università di Trieste, 2019, pp. 45-62.

MOORHEAD, Sam. The Frome Hoard. How a massive find changes everything. In: CALLEGHER, B. (Ed.). *Too Big to Study? Troppo grandi da studiare?* Trieste, EUT Edizioni Università di Trieste, 2019, pp. 281-304.

NAYLOR, J., BLAND, R. (Eds.) *Hoarding and the deposition of metalwork from the Bronze Age to the 20th century: a British perspective*. Oxford: Archaeopress, BAR British series 615, 2015.

Van ARSDELL, R.D. *Celtic Coinage of Britain*. London: Spink; 1989. Disponível em: <https://vanarsdellcelticcoinageofbritain.com>